



5150 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT17 - Filosofia da Educação

DAS VARIAÇÕES EM TORNO DO ANARQUISMO E DO MARXISMO: UM DEBATE AINDA NECESSÁRIO AOS CAMPOS DA FILOSOFIA E DA EDUCAÇÃO

Edivaldo José Bortoleto - UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA REIONAL DE CHAPECÓ

DAS VARIAÇÕES EM TORNO DO ANARQUISMO E DO MARXISMO: UM DEBATE AINDA NECESSÁRIO AOS CAMPOS DA FILOSOFIA E DA EDUCAÇÃO

DO RESUMO

Das Variações em torno do Anarquismo e do Marxismo: um debate ainda necessário aos campos da Filosofia e da Educação tal como o título já sugere é uma aproximação de duas perspectivas socialistas que emergem no século XIX, conjuntamente com uma outra, a do socialismo cristão. Desta maneira, o recorte neste trabalho dá-se no movimento de aproximação entre o socialismo libertário e o socialismo científico possibilitado pelo método semiótico onde campos epistêmicos e ontológicos são aproximados pelas *variações signíficas* enquanto *variações de semioses*, portanto, encontro de campos semânticos e semióticos, mais do que se oporem, estão na proximidade solidária. Assim, esta aproximação solidária entre Anarquismo e Marxismo porque emergentes de barbáries produzidas pelo capitalismo, podem contribuir para a construção de um mundo novo e de um novo homem, pressupostos necessários para uma Filosofia da Educação Libertária.

DAS PALAVRAS-CHAVE: ANARQUISMO. MARXISMO. FILOSOFIA. EDUCAÇÃO.

A Revolução não é obra de ninguém – Pierre-Joseph Proudhon[1]

“Uma revolução verdadeiramente orgânica, produto da vida universal, mesmo que tenha seus mensageiros e executores, não é verdadeiramente a obra de ninguém”. (PROUDHON, 1997, 169). Esta intencionalidade de realizar uma verdadeira revolução que emerge no século XIX se configura no ideário de três formas e concepções de socialismos: o socialismo cristão, o socialismo utópico e libertário e, o socialismo científico. Estas três formas e concepções de socialismos emergem para se contraporem às formas de barbáries decorrentes do capitalismo do século XIX formando, desta maneira, o campo da esquerda. Rafael Dias-Salazar em *La Izquierda y el Cristianismo diz*: “La historia de la izquierda es la de una larga marcha en la lucha contra la barbárie provocada por los seres humanos. Esta lucha se há dirigido a disminuir las injusticias y conquistar una mayor fraternidad entre estos seres llamados – no en vano – *animales racionales*. Ya sabemos que en el desarrollo civilizatório hay sobradas pruebas de lo uno y de lo outro, y no sabría decir qué es lo que más sobreabunda: la animalidad o la racionalidad”. (1998, 17).

Os temas do socialismo e da barbárie se impõem no XIX, atravessa o século XX e se fazem presente no XXI, isto porque, do ponto de vista da estrutura, o capitalismo se manifesta intenso em suas vicissitudes, principalmente, na terceira globalização em curso que é a globalização do mercado com suas formas inéditas de exclusão das gentes e da natureza que são assassinadas *ad intra* sistema e extrojeadas *ad extra*.

O socialismo cristão encontra suas fontes antes de Marx em Joseph Marie de Maistre, Louis Gabriel Ambroise de Bonald, Felicite-Robert de La Mennais, Antoine Frédéric Ozanam, Felix Dupanloup e outros. (ÁVILA, 2002). No entanto, em Leão XIII (1810 - 1903) em suas duas principais Encíclicas dentre outras, uma sobre a Filosofia e a Teologia (*AETerni Patris* - 4 de Agosto de 1879) e sobre a Realidade Social (*Rerum Novarum* - 15 de Maio de 1891), toda a tradição anterior se encontra e, impulsionará, a Igreja até o Vaticano I e ao Vaticano II. Os desdobramentos deste percurso culminar-se-ão na América Latina Caribenha no processo de formação do CELAM - Conferência Episcopal Latino Americana - com suas Conferências - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - e nas formulações da Teologia da Libertação e da Filosofia da Libertação.

Jacqueline Russ reconhece em *O Socialismo Utópico* a paisagem variada e matizada do socialismo utópico e libertário quando assim diz: “Que paisagem variada e matizada a do socialismo utópico francês! As escolas e as doutrinas proliferam, de Saint-Simon a Proudhon, passando por Pierre Leroux e Flora Tristan”. E prossegue a autora: “Os temas são abundantes, às vezes contraditórios. Qualquer observador há de convir que o socialismo francês dessa época é infinitamente mais diversificado que os socialismos inglês e alemão. O movimento socialista do século XIX foi, na França, de uma incontestável riqueza: nosso país é a pátria do socialismo utópico”. (RUSS. 1991, 83).

O socialismo científico formulado por Marx e Engels emerge da compreensão de que o movimento revolucionário supõe uma teoria revolucionária científica. Assim, “desde o começo do ano de 1846 que Marx e Engels querem tentar agrupar e unificar as forças revolucionárias ainda esparsas e dispersas”. (BRUHAT. 1971, 91). Os intensos debates com Wilhelm Weitling e Pierre-Joseph Proudhon levam Marx e Engels a expurgar das ideias socialistas os elementos religiosos ali presentes e de um neocristianismo constituído de comunismo. “É assim que, pela polêmica, Marx e Engels avançam pelo caminho que consideram como o do socialismo científico. As condições estão presentemente maduras para se ir mais longe do que um ‘comitê’ de correspondência e correr-se o risco de criar uma organização internacional: é esta iniciativa que levará ao *Manifesto do Partido Comunista*”. (BRUHAT. 1971, 98).

O que estas três formas e concepções de socialismos têm em comum? Dentre várias, duas pelo menos, podem ser explicitadas. Uma, mais imediata no tempo e no espaço é o posicionamento crítico ao capitalismo e à sua filosofia liberal. Outra, mais mediata no tempo e no espaço é o próprio cristianismo entendido enquanto o *cristianismo primitivo*.

Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) em sua arquitetônica filosófica revela abundantes metáforas bíblicas. Em *Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria* dirá que “A Propriedade é um Roubo”. Aqui o Decálogo faz-se presente e inspirador. “Proudhon é, com efeito, um dos raros escritores franceses que sentimos impregnado da Bíblia”. (BOUGLÉ, 2015, 21). Continua Bouglé: “Abrigando-se atrás da autoridade do Decálogo, o comentador encontra um meio de assimilar ao próprio roubo os abusos da propriedade. ‘Não roubarás, diz o Decálogo, isto é, segundo a energia do termo original, *lo thignob*, não desviarás nada, não colocarás nada de lado para ti”’. (BOUGLÉ, 2015, 28-29).

Marx e Engels também não escapam às abundantes metáforas bíblicas. *O Capital* de Marx é um exemplo máximo. Já no fim da vida, Engels em *Contribuições para a História do Cristianismo Primitivo* assim diz: “A história do cristianismo primitivo oferece curiosos pontos de contato com o movimento operário moderno. Tal como este, o cristianismo era originariamente o movimento dos oprimidos: apareceu primeiramente como a religião dos escravos e dos libertos, dos pobres e dos homens privados de direitos, dos povos subjugados ou dispersos por Roma”. (ENGELS *apud* BRUHAT. 1971, 13).

Henri Lefebvre em *Marxismo: uma breve introdução* reconhece três concepções de mundo que se propõem atualmente: a *concepção cristã* do mundo, a *concepção individualista* do mundo e, a *concepção marxista* do mundo. (LEFEBVRE. 2017, 9-25). Sem deixar de subsumir esta formulação de Lefebvre, parece-me quatro serem as concepções de mundo que se configuram no mundo ocidental: a *concepção individualista* do mundo cuja expressão advinda da filosofia liberal é a expressão máxima também do próprio mundo hegemonicamente que se configura no capitalismo até os nossos dias.[2] Frente à esta concepção de mundo que se impõe hegemonicamente, outras três se configuram, de forma e maneira críticas: a *concepção cristã* de mundo, a *concepção anárquica* de mundo e a *concepção marxista* de mundo. Estas três concepções de mundo emergem em um mesmo contexto advindas das duas revoluções que marcam o advento do contemporâneo, quais sejam, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa.

Mas também emergem de um mesmo tronco onde se nutrem de uma mesma seiva: As três formulações têm em suas raízes na formulação Lucana presente em Atos: “*Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um*”. (Lc. 2, 44-45). Pode-se assim, dizer que as três formas e concepções de socialismos emergentes como perspectivas críticas ao modelo hegemônico do capitalismo, à sua filosofia liberal e à sua concepção individualista de mundo nascem da tradição semita[3]. Assim, no Século XIX três estruturas de pensamento são formuladas e se impõem em forma de *una larga marcha en la lucha contra la barbárie* no contexto das duas revoluções que marcam o referido século - a Revolução Industrial e a Revolução Francesa: A formulação do socialismo cristão com Leão XIII, a formulação do socialismo Libertário com Pierre-Joseph Proudhon e, a formulação do socialismo científico com Karl Marx e Friedrich Engels.

Assim, tomar o campo semântico e semiótico do Anarquismo e do Marxismo enquanto um problema - no sentido em que o signo verbal *problema* se apresenta enquanto *pró*=abertura e *ballein*=formulação - e, perguntar sobre o porquê de se estabelecer as variações[4] em torno destes dois grandes temas, significa então, abrir-se à formulação do tema/problema/objeto/signo destas variações que se co-implicam ou não. Se não, então, por que implicá-las, se hoje estes dois campos semânticos e semióticos se apresentam estabelecidos em suas diferenças e - porque não dizer, em suas oposições advindas já desde a ruptura Proudhon/Marx e da ruptura entre os seguidores de Proudhon e de Marx no seio da Primeira Internacional?

Ao que tange ao campo semântico e semiótico do socialismo cristão ele não será aqui estabelecido enquanto uma *variação*, isto justamente porque, devido à sua própria complexidade que tem lugar no *cristianismo primitivo*, com toda uma herança que é já a própria história de Israel, bíblicamente falando, enquanto anterioridade e, enquanto posteridade, porque toda a herança do *cristianismo primitivo* se desdobra no campo da Patrística Latina Ocidental e da Patrística Grega Oriental, bem como no campo da Escolástica em sua primeira forma na baixa Idade Média, sob a forma de Segunda Escolástica na Península Ibérica no século XVI, sob a forma de Terceira Escolástica no século XIX com o Papa Leão XIII em sua Encíclica *Aeterni Patris* de 4 de Agosto de 1879 e, sob a forma de Quarta Escolástica no século XX com o Papa João Paulo II em sua Encíclica *Fides et Ratio* de 14 de Setembro de 1998.

No entanto, vale sinalizar que toda esta herança do socialismo cristão chegará no Novo Mundo a partir de 1492 por meio da Segunda Escolástica hispânica e lusa trazida pelas mãos dos franciscanos, dominicanos, carmelitas, mercedários, beneditinos e, principalmente, jesuítas. Francisco Suarez (1548-1617), o pensador das *Disputationes metaphysicae* será o signo maior tanto na Europa quanto na América Latina Caribenha, principalmente, nos séculos XVI, XVII e XVIII da Escolástica Ibérica. A perspectiva da Segunda Escolástica ganhará forma no projeto educacional e civilizacional presente na *Ratio Atque Institutio Studiorum* (Organização e Plano de Estudos da Companhia de Jesus). (FRANCA, 1952). Esta é a primeira Filosofia, Teologia, Humanismo e Educação que nos chegou. Toda esta tradição está na base e forma o *húmus* de nossa Literatura, Filosofia, Teologia, Educação, Política, Direito e, principalmente, está na própria formação tanto da Filosofia da Libertação quanto da Teologia da Libertação e de nossa Estética Barroca.

Os socialismos cristão, utópico e libertário e, científico emergem frente à barbárie do mundo do capitalismo no século XIX. No estágio do desenvolvimento civilizatório neste horizonte contemporâneo a *animalidade* e a *racionalidade* como diz Rafael Dias-Salazar (1998) se apresentam como duas forças a serem enfrentadas. Em última instância, o contemporâneo compreendeu que o ser humano é constituído por uma desmesura, ou seja, algo nele ou todo ele, não pode ser medível, mensurável. As filosofias da suspeita emergem para reconhecer este traço no humano. Darwin, Freud, Marx, Engels, Proudhon, Nietzsche estão cada um à sua maneira a sinalizar a realidade da indigência humana. Desta maneira, Morin está a sugerir que “o ser humano é um animal insuficiente, não apenas na razão, mas é também dotado de desrazão”. (MORIN. 2001, 7). Para Morin o *Homo sapiens* é ao mesmo tempo *demens*. “A loucura humana - prossegue Morin - é fonte de ódio, crueldade, barbárie, cegueira. Mas sem as desordens da afetividade e as irrupções do imaginário, e sem a loucura do impossível, não haveria élan, criação, invenção, amor, poesia”. (MORIN. 2001, 7). Aqui reside a compreensão de que o ser humano é paradoxal, portanto, barroco em sua constituição, porque dividido, fraturado, falível.

O *Homo humanus* além de viver tem que conduzir o seu viver e instaurar o sentido do viver. Morin citando Geertz diz que “os homens têm datas de nascimento, mas o homem não a tem”. Morin com isto quer dizer que “isso significa, na realidade, que a humanidade tem nascimentos múltiplos, antes de *sapiens*, com *sapiens*, depois de *sapiens*, prometendo até, talvez, mais um novo nascimento depois de nós”. (MORIN. 1979, 59). Além de viver, conduzir o seu viver e instaurar o sentido do viver, também o *Homo humanus* tem que funcionar na vida como diria Wilhelm Reich. Assim, valeria interrogar se por detrás de todo o edifício genoseológico-científico-artístico-religioso-tecnológico até o presente momento conseguido pelo *Homo humanus* não está a dizer de sua tarefa de viver-conduzir-funcionar bem na vida? Nesta perspectiva o conhecimento tem a ver com a vida e a vida com o conhecimento. As três concepções de socialismos, portanto, enquanto, *cosmovisões de mundo* e *concepções de homem* apontam para um outro mundo, além do capitalismo, mas em nele se mantendo, de forma crítica e tensa frente as barbáries produzidas no mundo das gentes, das culturas, das sociedades, da natureza. Portanto, socialismos portadores de uma utopia, mas sem deixar o realismo das coisas.

Será na dialética *Sapiens-Demens* que a correlação *Vida-Conhecimento* será articulada nas variações em torno do Anarquismo e do Marxismo.

Em toda sua trajetória histórica a vida sempre se impôs e continua a se impor ao ser humano. Toda produção do conhecimento, em qualquer nível, sistematizado pelo ser humano teve e continua tendo hoje, como fim último, a vida mesma. Desde a compreensão mítica até o conhecimento tecnológico passando pelos conhecimentos artístico, filosófico, científico o ser humano vem dizendo em linguagens algo daquilo que ele é e ao mesmo tempo daquilo que sabe, também vem ajustando e organizando sua situação no mundo, na sociedade, na cultura. Em todo o momento histórico com suas respectivas características econômicas, sociais, religiosas, políticas e culturais vem tentando projetar organização aonde há o caos. Toda esta busca nada mais é, senão, o desejo de compreender através das mediações de linguagens construídas o processo vital da vida. É sempre o impulso de vida que clama frente às situações de morte, pois diante da vida a negação da vida se apresenta. As grandes invasões, dominações, explorações, tiranias, ditaduras, imperialismos nada mais são, senão, que formas de negação da vida, anti-vida, sinais de morte. O impulso de vida clama mas é o impulso de morte que impera.

Errico Malatesta em *Anarquismo e Ciência* diz que “a ciência é uma arma que pode servir tanto para o bem quanto para o mal; mas a ciência ignora completamente a noção de bem e mal. (MALATESTA. 1984, 46). Pode-se dizer, então, que na dialética *sapiens-demens* alguma coisa há com o ser humano na maneira pela qual utiliza a ciência e, também, na maneira pela qual processa o seu conhecimento. Wilhelm Reich ira reconhecer isto quando diz que há alguma coisa de errado na maneira pela qual o ser humano conhece e, a isso, ele irá chamar de *Peste Emocional*.

Reich em *Análise do Carácter* diz que “o termo ‘peste emocional’ não é uma classificação depreciativa. Não implica malevolência consciente, degeneração moral ou biológica, imoralidade, etc. Um organismo cuja mobilidade natural tem sido continuamente contrariada desde o berço desenvolve *formas artificiais de movimento*”. (REICH. S/d, 305).

As expressões naturais e auto-reguladoras da vida foram compreendidas e, o são hoje, pelo conhecimento, porém, negligenciadas, esquecidas e não levadas até às últimas consequências em nossa práxis cotidiana, em nossa histórica existência humana. Reich aponta para esta realidade quando diz que “grandes escritores e poetas têm descrito e combatido a peste emocional desde que ela se desencadeou. Quem leu e compreendeu realmente as obras destes grandes homens e mulheres também conhece a esfera que designamos com o conceito de peste emocional. Devemos acrescentar: estes grandes feitos ficaram sem qualquer efeito social essencial”. (REICH. S/d, 338). A peste emocional está encravada na caractereologia histórico-social-individual. É sabido que uma crítica àquilo que se encravou emocionalmente é muito difícil. Se não fizermos isto continuaremos adiando para outras situações, no além, a alegria, a paixão e a utopia de viver. Neste sentido Reich em *Psicologia de Massas do Fascismo* aponta um caminho ao ser revolucionário quando diz que, “se entendermos por revolucionário a revolta racional contra as situações insuportáveis existentes na sociedade humana, o desejo racional de ‘ir ao fundo, à raiz de todas as coisas’ (‘radical’ - ‘raiz’), para melhorá-las, então o fascismo’ (como práticas supostamente libertárias), *nunca* é revolucionário. Pode, isso sim, aparecer sob o disfarce de emoções revolucionárias. Mas não se considerará revolucionário o médico que combate a doença com insultos, mas sim aquele que investiga as causas da doença com calma, coragem e consciência, e a combate”. (1972, XX).

Em *A Função do Orgasmo* Reich reconhece que “o nosso mundo, na verdade, se tornou desconjuntado. Não importa, porém, a maneira como as sangrentas lutas do presente ensombrecem os séculos vindouros, permanece o fato de que a ciência da Vida é mais poderosa que a tirania e que todas as formas de negação da vida. (REICH. 1982A, 26).

Assim, à luz das formulações feitas por Reich, este pensador da cultura, pode-se apreender uma necessária *política do conhecimento* que é a socialização e aplicação a todos no mundo da cultura da *economia do conhecimento*, entendendo o conhecimento como algo também transformador e revolucionário, que nasce da vida mesma e à ela sempre volta.

Contudo, é um dado real e visível, a tamanha distância entre a economia do conhecimento e a enorme quantidade de pessoas alojadas no conhecimento do senso comum e, que hoje, no mundo das redes sociais, produzem via de regra, as *Fake News*. Esta abissal realidade ainda não foi vencida no mundo da sociedade, no mundo da cultura. Malatesta diz: “E que não me acusem, como o fez recentemente um companheiro, de dar pouco valor à ciência. Sabemos, ao contrário, o quanto ela atua na emancipação do pensamento e no triunfo do homem na luta contra as forças adversas da Natureza”. E mais adiante prossegue: “Está escrito, em nosso programa, *não apenas pão para todos, mas também ciência para todos*. (...) A Ciência como o pão, não é um dom gratuito da Natureza. É preciso conquistá-la pelo esforço e nós lutamos para criar as condições, que permitam a todos fazer este esforço”. (MALATESTA. 1984, 52).

William Godwin em *Os Males de um Ensino Nacional*, diz que “uma das características inerentes à mente humana é a sua capacidade para crescer (...)”. (GODWIN, 1986, 247).

Rudolf Roker em *Marx e o Anarquismo*, fala sobre o esquecimento da educação dos operários, com o advento dos partidos socialistas e da representação parlamentar do proletariado: “(...) começou a era dos partidos socialistas e da representação parlamentar do proletariado. Pouco a pouco, esqueceu-se a velha educação socialista que conduzia os operários à conquista da terra e das fábricas, colocando em seu lugar a nova disciplina de partido que considera a conquista do poder político com seu ideal supremo (...)”. (ROKER. 1986, 103).

A anarquista brasileira Maria Lacerda de Moura já escrevia em 1923 que “qualquer que seja a categoria do indivíduo, ele precisa aprender a amar a Natureza, a respeitar as ideias e os indivíduos, a dizer só a verdade, a reprimir suas paixões, suas más tendências, a cultivar em si sentimentos nobres, conhecer preceitos morais que devem ser observados numa sociedade futura, melhor que a atual”. (PRADO. 1986, 47-48).

A literatura anarquista é sobeja ao tocante às questões do conhecimento, da ciência e da educação tal qual como se viu anteriormente, no que mais interessa com os fragmentos apresentados, é poder evidenciar esta preocupação dos anarquistas quanto à questão do conhecimento, pois a preocupação é com a auto-gestão do próprio indivíduo em direção à sociedade anárquica, ou seja, sem a tutela do Estado e dos Partidos. A liberdade para os anarquistas, “(...) é uma disciplina austera cujas vantagens podem não ser imediatamente percebidas pela massa habituada à tutela do Estado (...)”. (WOODCOCK. 1986, 46). Como visto, a capacidade de crescer é uma das características inerentes à mente humana no dizer de William Godwin. E todos os anarquistas são unânimes nisto. Sobre Herbert Read em relação à liberdade e à educação, Woodcock diz que ele “afirmava que o sistema educacional já existente, com sua ênfase no estudo meramente acadêmico, preparava os homens não para a liberdade mas para o obediência. Em livros como *Educação pela arte* e *A Educação dos homens livres* ele propunha que as escolas deveriam ser modificadas para que educassem os sentidos antes de atingir a mente (...)”. (WOODCOCK, 1986, 46).

Wilhelm Reich e a tradição dos escritos anarquista movem-se na afinidade ao tocante uma *política do conhecimento* que é a socialização e aplicação a todos no mundo da cultura da *economia do conhecimento*, entendendo o conhecimento como algo também transformador e revolucionário, que nasce da vida mesma e à ela sempre volta como já acenado anteriormente. Desta maneira, vale ainda explicitar as posições reichianas, pois, inegavelmente, foi Reich a estabelecer as primeiras afinidades entre Marxismo e Psicanálise. “Foi Reich incontestavelmente, quem levou mais longe as tentativas de articulação do marxismo e da psicanálise e que produziu, neste sentido, os trabalhos mais significativos e mais duráveis”. (DADOUN, 1991, 234).

Quando Reich põe em relevo já bem no início do prefácio de *Materialismo Dialético e Psicanálise* (1983) a seguinte questão: *Existirão ligações entre a psicanálise de Freud e o materialismo dialético de Marx e de Engels?*, fica evidente que a realidade até então entendida e polarizada, foi a realidade objetiva, deixando a realidade do fator subjetivo à sorte dos idealistas. Reich tem claro o funcionamento dos diferentes níveis da estrutura bio-psíquica que envolve o homem. Reich constata três níveis da estrutura bio-psíquica. O primeiro nível é o estrato superficial da personalidade, ou seja, são os aspectos de comedimento, atenção, compassividade, responsabilidade, consciência do homem. O segundo, que é intermediário, estão os impulsos cruéis, sádicos, lascivos, sanguinários e invejosos, impulsos estes, que Reich os chama de impulsos secundários que, nada mais são, na linguagem psicanalítica, o inconsciente reprimido de Freud. O terceiro, é o que ele chama ou designa por *cerne biológico*. É neste nível, que se encontram as características essenciais do homem enquanto um ser que ama, trabalha, coopera, odeia, sente raiva.

Na relação dos três níveis de caráter, o primeiro nível sempre está em relação com o segundo que é o intermediário, dificilmente com o terceiro que é o substrato biológico ou o *cerne biológico*. Assim, somente o primeiro e o segundo níveis que encontram representação social, sendo que o terceiro que é onde estão os mais autênticos atributos do homem, encontra sua representação nas obras de arte, na música e na pintura. Reich dirá que “o cerne biológico do homem não encontra representação social desde o colapso da primitiva forma de organização social segundo a democracia do trabalho. Os aspectos ‘naturais’ e ‘sublimes’ do homem, aquilo que o liga ao cosmos, só encontram expressões autênticas nas grandes obras de arte, especialmente na música e na pintura. (REICH, 1972, XVIII).

Reich constata então, ao responder à pergunta: *Existirão ligações entre a psicanálise de Freud e o materialismo dialético de Marx e Engels?*, que o que falta ao Marxismo é uma psicologia política, pois, “um fator essencial, senão exclusivo, do fracasso do socialismo em todos os seus aspectos, fator que não se pode negligenciar ou considerar como secundário, é a ausência de uma psicologia política marxista eficaz, capaz de ser posta em prática”. (REICH, 1976, 11). Reich prossegue enfático dizendo que “está ausência não provém somente do fato de ainda não estar elaborada esta psicologia de massas mas também porque no movimento operário existe um grande furor contra o ponto de vista psicológico, contra uma psicologia prática e deliberada. Essa nossa lacuna foi mais uma vantagem considerável para o inimigo de classe, foi a mais poderosa arma do fascismo”. (REICH, 1976, 11). Assim, tal qual no contexto do nazismo, nossa tempo salvaguarda traços análogos quando Reich diz que “enquanto que nós propúnhamos às massas, vastas análises históricas e exposições econômicas sobre os conflitos imperialistas, elas entusiasmavam-se por Hitler, sob o efeito de motivações afetivas profundas. Tínhamos, para falar como Marx, deixando a prática do fator subjetivo aos idealistas, tínhamos tornado materialistas mecanicistas”. (REICH, 1976, 12).

O mais trágico no entanto, é que Reich foi vítima das próprias atitudes irracionais que tanto denunciara e estudara. Em 1933, Reich é expulso do partido comunista por tratar aí de questões de Psicanálise e de sexologia; e, em 1934 é expulso da Associação Internacional de Psicanálise por tratar aí de questões do Marxismo, de política e cultura. Num período de seis meses, portanto, Reich é expulso de suas afiliações profissionais, políticas e sociais – Partido Comunista e Movimento Psicanalítico – e também de três países diferentes. Mais tarde, já nos Estados Unidos, em 1954, Reich foi proibido de continuar suas pesquisas pelo *Food Drug Administration*, uma espécie de ministério da saúde. Também proibiram a venda de seus livros e revistas. Reich não acatou estas proibições, continuando assim, suas pesquisas. Desta forma, acabou sendo preso num período de dois anos de prisão. Seus livros foram queimados, seu laboratório e experimentos destruídos. Em 1957 more na prisão. Ilse Ollendorff de Reich narra sobre esta dimensão trágica de seu companheiro. (REICH, 1978).

O *homo humanus demens* de Morin tem alguma afinidade como a *peste emocional* de Reich. Tanto Morin quanto Reich estão colocando em questão o Marxismo mecanicista. A tradição anarquista por sua vez, em suas várias perspectivas, nunca deixou de efetivar tal formulação ao reconhecer a *liberdade* como a dimensão maior do humano, esta *disciplina austera* que não é percebida pela massa habituada à tutela do Estado, das Instituições e de outrem. Assim, o movimento das variações entre Anarquismo e Marxismo quer se dar na dialética *Sapiens-Demens* que a correlação Vida-Conhecimento articula o sentido de uma práxis educacional, principalmente, ao campo da Filosofia e da Educação. Isto por que? Porque não se compreende nem o Anarquismo e nem o Marxismo senão em um horizonte filosófico e ao mesmo tempo educacional visando a utopia de um novo homem e de uma nova sociedade sempre em perspectiva de um horizonte utópico desde a barbárie emanada do capitalismo.

Na simplicidade que existe na origem etimológica do conceito anarquismo esconde-se e revela-se uma complexa realidade. **An** = prefixo grego que significa **sem**; **archon** = radical grego que significa **governante**. Então, nesta dupla raiz que compõe o conceito anarquismo ter-se-á: ausência de governo, viver sem a tutela de outrem. É aqui que se dá a complexa realidade e que foi a causa de quentes e calorosas discussões entre Marx e os Anarquistas. É sabido, no entanto, que Marx teve uma influência muito forte do Socialismo francês, das ideias econômicas de Proudhon e da literatura do pensamento anarquista.

Dentre as várias linhas do pensamento anarquista Marx receberá o influxo de várias perspectivas libertárias. Franz J. Hinkelammert em *Crítica à Razão Utópica* dirá que “(...) Marx foi profundamente afetado pelos pensamentos anarquistas, especialmente os da tradição francesa – Proudhon e Louis Blanc -, mas também por Bakunin. (...)”. (1986, 129).

Em *Marx e o Anarquismo* Rudolf Rocker diz que: “(...) O Socialismo francês exerceu a maior influência sobre o desenvolvimento de Marx; mas de todos os escritores socialistas da França, foi P.-J. Proudhon quem o marcou com maior força. É evidente que o livro de Proudhon *Qu'est-ce que la propriété?* incitou Marx a abraçar o socialismo. (...)”. (1986, 92). Ao tocante às influências econômicas, Rocker diz que: “(...) As observações críticas de Proudhon sobre a economia nacional e as diversas tendências socialistas fizeram descobrir, antes de Marx, um novo mundo, e foi principalmente a teoria da mais-valia, desenvolvida também pelo genial socialista francês, que causou a mais forte impressão sobre o espírito de Marx. (...)”. (1986, 92). Ainda ao tocante à teoria da mais-valia, prossegue Rocker: “(...) essa grandiosa ‘descoberta científica’ da qual se orgulham todos os nossos grandes marxistas, dá-se nos escritos de Proudhon. Graças a este, Marx chega a conhecer essa teoria, mais tarde por ele modificada, após o estudo dos socialistas ingleses Bray e Thompson. (...)”. (1986, 92).

Rocker também diz que em *A Sagrada Família*, sessenta páginas da referida obra são elogiosas a Proudhon onde Marx reconhece que *Qu'est-ce que la Propriété?* é o primeiro manifesto científico do proletariado francês. (1986, 92-93).

Ora, é possível pensar uma proximidade entre Anarquismo e Marxismo para além das oposições que começaram a surgir a partir de *A Miséria da Filosofia* (1985) onde Marx critica a *Filosofia da Miséria* de Proudhon? É possível fazer o caminho inverso em *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico* (1980) de Friedrich Engels, agora, do *Socialismo Científico ao Socialismo Utópico* no sentido de um reencontro destas duas tradições socialistas onde ciência e utopia sigam juntas? É possível recolocar o diálogo desde a *Ideologia Alemã* (2014) com Max Stirner com o seu *O Único e sua Propriedade* (2009), colocando o tema do indivíduo sem perder a perspectiva do coletivo?

A hipótese que esta reflexão vem subsumindo desde o início é que sim. No entanto, esta aproximação é sempre da ordem da tensão, ora o acento recaindo sobre o Marxismo ora sobre o Anarquismo. Assim, por exemplo, no campo da vasta literatura sobre tal questão, pode-se acessar o tenso debate no movimento das variações entre Anarquismo e Marxismo. Marx e Engels em *O Anarquismo* (1987) põem em questão no pensamento de Bakunin as divergências na I Internacional e nos temas da apoliticidade, da autoridade e do Estado. Gérard Bloch em *Marxismo e Anarquismo* (1981) estabelece a tensão entre ambos, sempre à luz do Marxismo, questões referentes à revolução, às deformações stalinistas à luz de

Trotsky, bem como a questão da rebelião de Kronstadt em 1921. Gilbert Green em *Anarquismo ou Marxismo: uma opção política* (1982), no contexto da cultura norte-americana põe a ênfase na opção política pelo Marxismo. O sociólogo Georges Gurvitch propõe uma conciliação entre Proudhon e Marx em sua obra que leva o mesmo nome (1980). No âmbito da América Latina Caribenha, Raúl Fernet-Betancourt em *O Marxismo na América Latina* (1995) reconhecerá a importância da tradição libertária sobre a qual se constitui a tradição marxista. Assim, “a influência de Proudhon é um dos elementos que preparam as condições para a aceitação do marxismo”. (1995, 19). No Brasil, Oswald de Andrade resgata o veio utópico de uma forma criativa, existencialista, anárquica e antropofágica do marxismo ortodoxo. Veio utópico que tem origem desde a América Latina Caribenha. “(...) A geografia das Utopias situa-se na América. (...)” (1978, 151) e, também, Maurício Tragtenberg em *Marx/Bakunin* (1988) situa o debate de ambos no contexto da I Internacional onde o que está em questão não é a revolução mas as mediações necessárias para atingi-la.

Por fim, o eco das questões desenvolvidas e consideradas até o momento encontram-se em Olivier Besancenot e Michael Löwy na obra *Afinidades Revolucionárias* (2016) onde, a proposição fundamental da obra, é “por uma solidariedade entre marxistas e libertários. A tese é sobre a possibilidade de um Marxismo Libertário desenvolvido por Walter Benjamin, André Breton e Daniel Guérin. Em Daniel Guérin (1980), além da conciliação entre Marxismo e Anarquismo, cunhando o termo Marxismo Libertário, aproxima-se também da Psicanálise, desenvolvida pelo pensador da cultura Wilhelm Reich. Daí, a razão pela qual Reich entrou neste diálogo para ajudar no avanço do diálogo freudo-anarco-marxista. Uma dialética viva e fluída onde o *homo humanus demens et sapiens* necessita ser psicanalisado desde sua peste emocional está a sugerir uma Filosofia da Educação Libertária, pois um mundo novo e um homem novo são imperativos categóricos diante da barbárie instaurada pelo capitalismo.

DAS REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. **Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias**. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ÁVILA, PE. Fernando Bastos de. **Antes de Marx: As Raízes do Humanismo Cristão**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: São Paulo: Edições Loyola, 2002

BESANCENOT, Olivier e LÖWY. **Afinidades Revolucionárias: Nossas estrelas vermelhas e negras**. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários. São Paulo: Editora Unesp, 2016

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição, Revista e Ampliada. 3ª. Impressão. São Paulo: Paulus, 2004.

BLOCH, Gérard. **Marxismo e Anarquismo**. São Paulo: Editora Kairós, 1981.

BOURETZ, Pierre. **Testemunhas do Futuro: Filosofia e Messianismo**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRUHAT, Jean. **Marx/Engels**. Lisboa: Seara Nova, 1971.

BOUGLÉ, Célestin. **A Sociologia de Proudhon**. São Paulo (SP): Intermezzo; Edusp: 2015.

DADOUN, Roger. **Cem Flores para Wilhelm Reich**. São Paulo: Editora Moraes Ltda., 1991.

DÍAZ-SALAZAR, Rafael. **La Izquierda y el Cristianismo**. Madrid: Taurus, 1998.

DICIONÁRIO GROVE DE MÚSICA: Edição Concisa/Editado por Stanley Sadie; editora assistente Alison Latham. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ENGELS, F. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. 3ª. Edição. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda., 1980.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. **O Marxismo na América Latina**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 1995.

FRANCA, Leonel. **O Método Pedagógico dos Jesuítas – O “Ratio Studiorum”**: Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: AGIR, 1952.

GODWIN, William. Os Males de um Ensino Nacional. **IN: WOODCOCK, George (Introdução e Seleção). Os Grandes Escritos Anarquistas**. Biblioteca Anarquista. 3ª. Edição. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

- GREEN, Gilbert. **Anarquismo ou Marxismo: uma opção política**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- GUERIN, Daniel. **Um Ensaio sobre a Revolução Sexual**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- GURVITCH, Georges. Proudhon e Marx. 2ª. Edição. Portugal: Editorial Presença: Brasil: Livraria Martins Fontes, 1980.
- HINKELAMMERT, Franz J. **Crítica à Razão Utópica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- LEFEBVRE, Henri. **Marxismo: Uma Breve Introdução**. Porto Alegre-RS: L&PM, 2017.
- MALATESTA, Errico. Anarquismo e Ciência. **IN: Biblioteca Anarquista, Malatesta, Textos Escolhidos**. Seleção e Notas Grupo Anarquista 1º. de Maio, Annecy-França-Federação Anarquista Internacional. Porto Alegre: L&PM, 1984.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Editorial Boitempo, 2007.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **O Anarquismo**. São Paulo: Editora Acadêmica, 1987.
- MARX, Karl. **A Miséria da Filosofia**. São Paulo: Global Editora, 1985.
- MÉSZÁROS, István. **O Século XXI: Socialismo ou Barbárie?** São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- MORIN, Edgar. **Amor, Poesia, Sabedoria**. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN, Edgar. **O Enigma do Homem**. Para uma Nova Antropologia. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- PRADO, Antonio Arnoni (Org.). **Libertários no Brasil: Memórias, Lutas, Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense: 1986.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. **A Propriedade é um Roubo** e Outros Escritos Anarquistas. Porto Alegre-RS: L&PM, 1997.
- REICH, Ilse Ollendorff de. **Wilhelm Reich: Uma Biografia Personal**. 1ª. Edición. Barcelona: Granica Editor: Junio de 1978.
- REICH, Wilhelm. **A Revolução Sexual**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.
- REICH, Wilhelm. **Materialismo Dialético e Psicanálise**. 4ª. Edição. Portugal: Editorial Presença: Brasil: Livraria Martins Fontes, 1983.
- REICH, Wilhelm. **A Função do Orgasmo**. 7ª. Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982A.
- REICH, Wilhelm. **O Assassinato de Cristo**. São Paulo: Martins Fontes, 1982B.
- REICH, Wilhelm. **O que é a Consciência de Classe?** Textos exemplares. São Paulo: Livraria Martins Fontes: Porto: Outubro de 1976.
- REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1972.
- REICH, Wilhelm. **Análise do Caráter**. Portugal: Tipografia Guerra/Viseu: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.: S/d.
- ROKER, Rudolf. Marx e o Anarquismo. **IN: Os Anarquistas julgam Marx**. Brasília: Novos Tempos Editora, 1986.

RUSS, Jacqueline. **O Socialismo Utópico**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

STIRNER, Max. **O Único e a sua propriedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

TRAGTENBERG, Maurício. Marx/Bakunin. **IN: CHASIN, J. (Organizador). Marx Hoje**. Volume Um. 2ª. Edição. São Paulo: Ensaio, 1988.

VÁRIOS. **Os Anarquistas julgam Marx**. Brasília: Novos Tempos Editora, 1986.

WOODCOCK, George (Introdução e Seleção). **Os Grandes Escritos Anarquista**. Biblioteca Anarquista. 3ª. Edição. Porto Alegre: L&PM 1986.

[1] PROUDHON, Pierre Joseph. *A Propriedade é um Roubo e outros Escritos Anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1997, página 169.

[2] István Mészáros em *O Século XXI: Socialismo ou barbárie?* narra magistralmente esta questão.

[3] Aqui nos encontramos em uma outra rota do pensamento que é o pensamento bíblico. Pode-se dizer *grosso modo* que desde Filon de Alexandria (13 a.C – 40 d.C.) até Enrique Dussel (1934) na América Latina Caribenha com sua obra de 1969 *El Humanismo Semita*, passando por Moisés Maimônides, Baruch Spinoza, Sören Kierkegaard, Martin Buber, Emmanuel Levinas e Edith Stein se está na tradição do pensamento bíblico. A volumosa obra de Pierre Bouretz, *Testemunhas do Futuro: Filosofia e Messianismo*. São Paulo: Perspectiva, 2011, se nos impõe como uma obra decisiva. Portanto, a hipótese com a qual se está trabalhando neste texto é que as concepções do socialismo, da anarquia, do comunismo têm no solo da cultura hebraica, semita portanto, e não na helênica, os fundamentos de uma sociedade erigida na justiça, na igualdade, na bondade, na benignidade, no amor, cujo conceito de homem é o conceito de pessoa enquanto *Imago Dei* – Imagem de Deus. Isto tudo é fundamentalmente bíblico, portanto. Não nos esqueçamos que Marx, Freud, Einstein são judeus.

[4] O termo *variações* é empréstimo do campo da música. Segundo o *Dicionário Grove de Música: Edição Concisa* (1994) o termo *variações* tem a ver com a “forma em que exposições sucessivas de um tema são alterados ou apresentados em contextos alterados”. (1994, 980). Desde o século XVI o termo é utilizado no campo da música. No século XIX encontramos as famosas variações de Brahms: *Variações sobre um tema de Haendel* para piano, por exemplo. No caso deste artigo, o seu movimento enquanto variações em torno do Anarquismo e do Marxismo é já o próprio caminho do pensamento que pensa em processo de semiose no sentido proposto pelo Pragmatismo de Charles Sanders Peirce (1939-1914). O método, portanto, é o das *variações sígnicas enquanto variações de semioses* entre dois campos de conhecimento epistemologicamente falando e duas visões de mundo ontologicamente falando.